

Semana Santa Orante 2026

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

<https://ignatiana.blog/sso-2026/>

A CIDADE QUE SONHAMOS: CASAS ABERTAS E UMA MESA PARA TODOS

*Quando Jesus entrou em Jerusalém, a cidade inteira se agitou e diziam:
"Quem é este homem?"*

A primeira coisa que o Evangelho nos diz é que Jesus foi um *buscador de alternativas*.

Ele não foi conivente e nem compactuou com a estrutura social-política-religiosa de seu tempo, que era profundamente desumanizadora. Sonhou novas possibilidades de vida e novas relações entre as pessoas. Por isso, ao anunciar o Reino, transgrediu a situação vigente e, a partir das periferias, foi despertando uma alentadora esperança nos corações dos mais pobres e excluídos, vítimas de um mundo fechado.

Com sua entrada em **Jerusalém**, Jesus quis recuperar a *cidade* como lugar do encontro e da comunhão, como espaço da paz e da solidariedade... desalojando aqueles que se fechavam a qualquer tentativa de mudança. Por isso, seu gesto provocativo e escandaloso de entrar na cidade montado num jumentinho, símbolo da simplicidade e do despojamento de qualquer pretensão de poder e força, causou violenta reação naqueles que se beneficiavam da estrutura política e religiosa da cidade.

A Campanha da Fraternidade deste ano tem como tema - **Fraternidade e moradia** -, e como lema – *"Ele veio morar entre nós"*. Jesus fez sua morada nas terras excluídas da Galileia e sonhava também fazer morada na cidade de Jerusalém.

Vale destacar uma constante nos Evangelhos: a **casa** como lugar preferencial da ação de Jesus e da missão dos seus discípulos. Jesus, como um inspirado mestre, revelou um "novo ensinamento", não em lugares fechados e controlados, mas em espaços abertos, nos campos, à beira do lago de Genezaré, nos caminhos poeirentos, nas casas...; Ele se dirigiu aos lugares onde homens e mulheres realizavam suas atividades comuns, no simples ambiente do trabalho cotidiano e, de maneira privilegiada, nas **casas**, começando pela sua própria, em Cafarnaum, onde fora residir.

Jesus, como itinerante, deu início a um *"movimento de casas"*. De fato, a casa acabou sendo o espaço alternativo que melhor correspondia à atuação do Mestre, enquanto ponto de partida e de chegada de sua missão itinerante. Foi a partir das casas que Jesus exerceu, à margem do que estava estabelecido, sua autoridade em favor da vida, sem depender de instituições e funções previamente normatizadas.

Assim, através de uma rede eficiente, ampliada e centrada no Mestre e com funções complementárias, seus seguidores, a partir das casas, prolongarão o mesmo ministério de Jesus: "viver em saída", deslocar-se em direção aos excluídos, revelar a presença do Pai na simplicidade do cotidiano das pessoas, etc.

Neste sentido, a **casa** cumpriu uma função vital para a expansão da causa do Reino de Deus. Em outras palavras, a causa de Jesus (Reino) encontrou nas casas seu lugar natural.

Jesus quis também levar para a Cidade Santa o "movimento de vida" iniciado nas casas, nas estradas da Galileia; Ele subiu a Jerusalém anunciando a chegada do Reino de Deus que deveria manifestar-se ali, mas de uma forma diferente: espaço aberto para todas as gentes, com uma nova estrutura humana aberta ao senhorio de Deus.

Jesus, Filho de Davi, precisava subir à cidade de seu antepassado Davi, não para conquistá-la militarmente e reinar, a partir dela, sobre o mundo, mas para instaurar ali outro Reinado, fundado precisamente nos pobres e expulsos dos reinos da terra. Para Jesus, Jerusalém como um conglomerado de casas abertas, deveria ser

entendida como centro da nova humanidade messiânica, capital do Reino dos excluídos da velha história humana.

Por isso, Ele entrou em Jerusalém rodeado do povo, das pessoas simples. Este povo escravo e oprimido o aclamou porque viu em n'Ele uma luz de esperança, de vida, de libertação. Escutaram suas palavras e viram seus feitos durante alguns anos. Escutaram palavras de vida, de justiça, de amor, de misericórdia, de paz...

Viram seus gestos de cura dos enfermos, de defesa dos fracos, de dar alimento aos famintos, de reabilitar os desprezados, de acolher os marginalizados, de enfrentamento dos opressores...

Jesus quer continuar anunciando e realizando na cidade de Jerusalém aquilo que fizera na região excluída da Galileia; quer também humanizar esta cidade para que ela seja sol de justiça e paz para todos os povos.

A espiritualidade da presença cristã no meio urbano convida a descobrir e indicar as presenças reais do Deus que "in-habita" em pessoas, casas, bairros, povos, cidades e metrópoles. *"O coração dos povos é o santuário de Deus"*. Trata-se de *"passear com o Absoluto pelas ruas da cidade"* (Michelstaeder)

O Deus presente nas cidades é um Deus que nos chama e interpela a partir do reverso da história, a partir dos lugares ocultos, dos "outros-espacos" de nossas cidades.

A primitiva comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus não começa formando uma nova religião instituída, nem se preocupou com construções de templos ou com organizações hierarquizadas; ela se apresenta como uma federação de casas abertas, a partir dos pobres e para os pobres, criando redes de comunicação e de vida fraterna, casas-família, impulsionadas pelo testemunho e presença do Espírito do mesmo Jesus. *"Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum... partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração"* (At 2,44-46).

A cidade que Deus quer: uma praça acolhedora, casas abertas e mesas para todos.

A **praça** é de todos e todos podem circular livremente, criar relações e convivência, com a experiência de ser aceito e reconhecido como humano.

A **casa** deve ser escola de encontro e fraternidade. A comunicação (comum união) se celebra entre suas paredes que, em seguida, se expande para além de seus limites, despertando uma sensibilidade solidária.

A casa prepara para a vida, pois é ali que os fundamentos de uma personalidade vão se solidificando.

A **mesa** é lugar de hospitalidade e partilha, de aceitação e de encontro, lugar de chegada e entrada da pluralidade e diversidade como a Nova Jerusalém.

"Entrar na nossa Jerusalém" é comprometer-nos com uma cidade mais humana e humanizadora; a cidade que sonhamos e que queremos: a **Cidade Nova**. E o(a) seguidor(a) de Jesus tem em quem se inspirar.

A cidade moderna, globalizada pela tecnologia fria e sem alma, amordaçada pela funcionalidade e pela utilidade, com uma política submetida ao mercado, à produção e consumo, cidade estendida e sem muros de contorno, com horizonte atrofiado..., está cada vez mais distante da cidade sonhada por Jesus, cada vez mais refratária aos valores do Reino.

É a **paixão pelo Reino** que deve nos mobilizar para levar adiante a **missão** de Jesus nos grandes centros, a ir aos lugares onde há mais necessidade e ali realizar obras duradouras de maior proveito e fruto.

O(a) **discípulo(a) missionário(a)** não é aquele(a) que, por medo, se distancia de sua cidade, mas é aquele(a) que, movido(a) por uma **radical paixão**, desce ao coração da realidade em que se encontra, aí se encarna e aí revela os traços da velada presença do Inefável; a cidade já não é percebida como ameaça ou como objeto de

domínio, mas como **dom** pelo qual Deus mesmo se faz encontrar. A cidade não é lugar da exploração e da depredação, mas é o lugar da receptividade, da oferta e do diálogo inspirador.

No Domingo de Ramos, portanto, temos duas procissões: a procissão de Pilatos que representava o poder, a dominação e a violência do império que dominava o mundo; e a procissão de Jesus que representava uma visão alternativa, aquela do Reino de Deus, centrada na comunhão, no serviço, no espírito solidário...

Frente a estas duas paixões e duas procissões, somos convidados a propor algumas perguntas fundamentais que devem ressoar neste domingo de Ramos, na Semana Santa e, em definitiva, na vida: a quem seguimos? Quem é o "senhor" que comanda o nosso coração? Em que valores nos inspiramos? Em que procissão estamos? Em que procissão queremos estar?...

Texto bíblico: Mt 21,1-11

Na oração: é preciso, em primeiro lugar, abrir espaço na própria casa interior, para que o Senhor circule com liberdade, levando luz e inspiração para sua vida ("desce depressa, pois eu preciso ficar em sua casa").

- A partir do interior, cristificar a própria casa-lar: lugar de encontro, de hospitalidade, de relações sadias...
- Sua casa é luz para a cidade onde você habita?
- A cidade que você aspira, que sonha e que quer é a Nova Jerusalém? Espaço de beleza, de harmonia humana?
- Que atitudes você vai propiciar em suas relações interpessoais para favorecer a presença do Reino de Deus?
- Como você vai acompanhar Jesus durante as celebrações desta Semana Santa?

BETÂNIA: CASA DA ACOLHIDA, COMUNIDADE DE AMOR

A casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo (Jo 12,3)

No percurso contemplativo da vida pública de Jesus, o início desta Semana Santa nos conduz até **Betânia**, a ser e viver Betânia, a assumir Betânia:

- casa de hospitalidade e de escuta, onde todos somos irmãos sentados à mesma mesa, junto ao Mestre, o único Senhor, em quem se centra nossa hospitalidade e nossa escuta;
- lugar de descanso, como foi para Jesus, onde encontra humanidade, calor humano, compreensão, alívio;
- lugar de passagem, onde recuperamos forças para viver situações de Páscoa, onde acontece a intimidade do encontro dos amigos que falam de assumir as consequências de viver em favor dos outros, de deixar-nos levar pelo Espírito e amar até o extremo...;
- “casa dos pobres” (*Beth-anawim*): nela, em primeiro lugar, habitam nossas pobreza pessoais e comunitárias, nossa pequenez e nossa fragilidade; mas, também, onde a dor de nosso mundo, da humanidade, têm lugar e tocam nosso estilo de viver, de nos relacionar, de nos confrontar em nosso seguimento de Jesus.

O tema da Campanha da Fraternidade deste ano – **Fraternidade e moradia** – nos ajuda a recordar que o mundo relacional de Jesus era amplo e diversificado; seus amigos e amigas se multiplicavam a cada passo que dava. Um exemplo disso é sua relação com os três irmãos, na casa em Betânia.

Betânia é para Jesus o lar da acolhida, da hospitalidade, da escuta, da amizade e do serviço. Ali, Ele expressa as atitudes humanas presentes na cotidianidade de uma família que Ele amava e que O amava.

Betânia é o templo onde Jesus percebe a presença e o agir de Deus nos fatos mais simples da vida cotidiana; Betânia é, para Jesus, um prolongamento de Nazaré, o lugar do cotidiano, do pequeno, do simples, o lugar da revelação. Betânia é o ícone de uma verdadeira comunidade de seguidores(as): casa da unção, do serviço, da escuta atenta; é o lugar da Páscoa que antecede a Páscoa do Filho de Deus.

Betânia nos desafia a gerar um novo estilo relacional que seja capaz de tornar visíveis os sinais do Reino, aqui e agora. Betânia é o lugar de uma nova mística: a do seguimento e identificação com Jesus, a mística da sensibilidade humana, que nos faz passar da morte à vida, como Lázaro. Ali, Ele deixa transparecer um coração carregado de amor oblato, gratuito...

Jesus, perseguido pelos poderes civil e religioso, vai a Betânia, na casa das suas amigas Marta e Maria e de Lázaro. Mesmo sabendo que a polícia estava atrás de Jesus, os três irmãos receberam-no em casa e ofereceram-lhe um jantar. Acolher em casa uma pessoa perseguida e oferecer-lhe um jantar era perigoso. Mas o amor faz superar o medo.

Neste ambiente, já não há mais rivalidade entre as duas irmãs, Marta e Maria, mas colaboração e complementariedade. Juntas se fazem transparentes para algo maior que elas mesmas. Certamente Jesus deixou “refletir” em sua vida o que viu fazer estas duas mulheres.

Os discípulos levavam muito tempo com Jesus e nenhum tinha feito com Ele o que estas duas mulheres fizeram. Ninguém lhe havia manifestado gestos de tanto amor.

Elas se fazem totalmente presentes a Jesus; aceitam o que vai acontecer e o acompanham. Marta, servindo a mesa e as mãos de Maria acariciando e ungindo os pés de Jesus; e Ele deixando que elas expressem em gestos o que estava no coração delas: muito amor. Um gesto que Judas não compreendeu.

Marta e Maria expressam sua amizade e fazem com Jesus o que Ele logo fará com seus discípulos no momento de sua despedida, na Última Ceia: os servirá à mesa e lavará seus pés. Jesus se deixou fazer, para poder fazer isso com outros e quis tomar para si os gestos destas mulheres para fazer memória de sua vida.

Impressiona-nos que, neste relato, elas não falam, mas expressam todo seu amor *“mais em obras que em palavras”* (S. Inácio).

Aqui, no centro do Evangelho de João, a comunidade, reconstruída no amor, exala o bom perfume que enche toda a casa. Em lugar do cheiro da morte, a casa enche-se do perfume: símbolo do amor que exala bom odor. É um amor que não tem preço.

O perfume de Maria é o símbolo da vida e do amor de cada um. É um amor oblato e gratuito e que está sempre voltado para os mais pobres. *“Pobres, sempre os tereis convosco”*, porque sempre haverá vítimas das estruturas sociais injustas e violentas.

À luz de Betânia e de nossa realidade, quais perfumes derramar para superar o mal odor dos nossos ambientes? O que cheira mal entre nós, seguidores(as) de Jesus? Medo risco e do novo, medo de perder seguranças; medo de equivocar-nos, de experimentar outras maneiras de viver; medo de enfrentar situações desafiantes na sociedade, medo da dor e da morte, medo do diferente...

Cheira mal as seguranças petrificadas, o imobilismo; cheira mal a indiferença e a acomodação, sobretudo diante das necessidades de nosso mundo; cheira mal o ódio, a intolerância, o julgamento; cheira mal a desesperança frente a um futuro incerto.

Há um forte mal odor dentro de nossas “bolhas mofadas”, dentro de nossas casas; custa-nos reforçar laços, alimentar solidariedade, entrar em sintonia com a paixão da humanidade. Preferimos conservar a arriscar; percebemos a inércia e a falta de renovação séria e profunda, uma falta de abertura frente ao diferente, uma perda de tempo gasto em estéreis conflitos entre pessoas, grupos, gerações, dentro de nossas famílias e comunidades.

Na unção em Betânia, **Maria** pode ser considerada como um ícone da *nova sensibilidade* que o evangelho nos oferece. Ela está dotada de uma sensibilidade muito superior à dos discípulos, tanto para perceber o que acontece como para expressar seus sentimentos com admirável fineza e liberdade.

Os dirigentes judeus andavam buscando uma ocasião para matar Jesus. Maria, certamente havia escutado os rumores que chegavam da vizinha Jerusalém e que circulavam em voz baixa entre as pessoas do povo. Ela, no entanto, sintonizou com este momento dramático. Sua criatividade feminina encontrou no **perfume** um símbolo para expressar com grande delicadeza o que esse momento transbordava seu coração. Maria investiu num gesto gratuito e desmedido, expressão de um amor exagerado.

O excesso de seu gesto sintoniza perfeitamente com o amor sem medida de Jesus, mas ultrapassa a limitada capacidade de compreensão dos presentes à mesa, sobretudo Judas Iscariotes.

Os perfumes e os aromas estiveram muito presentes na vida de Jesus, em seus momentos de dor e prazer. O perfume revela e oculta ao mesmo tempo, aviva o desejo, a abertura à surpresa de uma presença. Jesus o recebeu agradecido, e sua própria vida tomou o símbolo do frasco, precioso e caro, que se quebra para poder derramar-se em favor de muitos.

Quando a Vida nos unge, estamos potencialmente equipados para anunciar a boa nova, a luz, a cura, o cuidado... Ações que nos plenificam.

A casa de Betânia se encheu do “esbanjamento” do amor, da ternura, da misericórdia frente ao mal odor da violência, da exclusão, do orgulho autossuficiente.

Junto a Jesus, somos também desafiados a esbanjar a **vida** com Ele, isto é, viver **na** e a **partir da** comunhão com o Deus da vida. Viver, em definitiva, como Jesus viveu: Ele “derramou”, doou toda sua vida através de um compromisso real para tornar visível o amor de Deus.

Assim, na experiência cristã, a vida se “derrama” para tornar visível o amor de Jesus a toda pessoa humana. Um “esbanjamento”, muitas vezes, incompreensível para tantos contemporâneos nossos. Eles nos lançam um duro questionamento: não seria a vivência cristã uma espécie de desperdício de energias humanas, um desperdício de talentos?

Textos bíblicos: Jo 12,1-11

Na oração: Na contemplação, somos convidados a entrar na casa em Betânia: casa de encontro, comunidade de amor e coração de humanidade:

- Com Jesus Mestre, somos inspirados a nos fazer mais humanos e próximos;
- Com Marta, somos movidos a professar a fé e a servir na diaconia;
- Com Lázaro, somos chamados a passar da morte à vida e caminhar na liberdade do Espírito;
- Com maria, somos desafiados a quebrar os frascos e a derramar o perfume da escuta e do amor.
- Criar Betânia em nosso interior e em nossas casas: lugar da mesa compartilhada, da união e do cuidado; ambiente que exala perfume do amor, gratidão, amizade...

"JUDAS, ONDE ESTÁS?"

"Em verdade, em verdade vos digo, um de vós me entregará" (Jo 13,21)

No dia de ontem, buscamos inspiração na Casa em Betânia, lugar inspirador para Jesus. Ali, encontramos o ícone para revelar o sentido de nossas moradas: convivência, partilha, comunhão, espírito de serviço, acolhida do diferente, espaço festivo, sensibilidade diante do sofrimento...

Hoje, provocados pelo relato do evangelista João, vamos trazer presente um outro dado que nos custa compreender: a **casa** pode ser, muitas vezes, lugar da traição, da frieza nas relações, do ódio que divide, do distanciamento afetivo, da casa-pensão onde seus moradores não se conhecem etc.

Poucas experiências destroem tanto alguém por dentro como a **traição**.

Quem traiu e quem foi traído assume reações semelhantes, como esvaziamento da afetividade, sensação de inutilidade vital, desorientação, perda do sentido da própria existência, angústia, pânico, fobias e medos generalizados diante das pessoas e do mundo. A traição desmonta a esperança no outro ser humano e leva a desacreditar na existência do amor. A traição tira do ser humano sua capacidade de dar respostas à vida, de envolver-se num projeto e num ideal maior, que ultrapasse o valor de sua própria vida.

Nestes primeiros três dias da Semana Santa, aparece a figura de Judas, não como protagonista, mas como antagonista, como contraponto, alguém deslocado do clima de amor e amizade. Os próprios evangelistas se sentem incomodados com ele e não aceitam suas posturas e atitudes.

Na verdade, Judas não conseguiu captar que em torno a Jesus tudo é gratidão e gratuidade; já na casa em Betânia, ele destoou e criticou o gesto amoroso de uma mulher derramando perfume nos pés de Jesus.

Reagimos negativamente frente a **traição** de Judas, mas no fundo ele nos causa repulsa porque é projeção das nossas infidelidades e traições. Ele é o espelho no qual nos vemos.

Mas... o que vem a ser a **traição**? Como ela se manifesta na nossa vida? Por que traímos a confiança do outro? O ato de trair implica romper uma aliança que uma pessoa fez com outra. **Trair** é uma ação que revela sérias consequências, e, quando se fala de relacionamento humano, envolve sofrimento e sensação de abandono, gerando um estado de desconfiança generalizada naquele que foi traído.

Traição dói na proporção inversa da distância. Quanto mais próxima a pessoa traidora, tanto maior a dor do traído. A **traição** se situa no mundo das amizades, das vinculações afetivas intensas, das ligações íntimas, das proximidades de vida.

Podemos destacar duas dimensões na Paixão de Jesus: a primeira paixão acontece no **grupo interno** (traição, negação, busca de poder, incompreensão da missão...); isso provoca profundo sofrimento em Jesus.

A outra paixão é provocada pela oposição, perseguição externa... geralmente ficamos impactados com os sofrimentos físicos cometidos pelos opositores. O sofrimento interno não é visível, mas é maior.

Certamente o maior sofrimento de Jesus partiu do grupo mais íntimo; da perseguição externa já era esperada, mas do grupo de convivência dos discípulos, foi muito duro para Jesus. E Judas era considerado "um dos Doze".

Judas se tornou o símbolo da traição porque fazia parte do grupo íntimo dos apóstolos. Foram anos de convivência nas mesmas caminhadas, nas noites ao relento, nas pregações, nas refeições simples do dia a dia e nas festas. Jesus e Judas viviam elos de amizade, de confiança, de esperança entre si.

De repente, rompe-se tal aliança e Judas entrega Jesus aos adversários.

Com a **traição**, Judas passou da amizade para a decepção, para a desilusão, para a perda de vinculação até a entrega. Processo lento que foi minando o seu coração, até que ele se corrompeu, a ponto de renegar a amizade e trair.

Que aconteceu no coração de Judas na noite da Última Ceia? Rodeado de um mundo de mistério, rodeado de um clima de bondade, de amor e salvação, e, no entanto, o coração de Judas está em outro lugar. Está impermeável à verdade que se celebra; está seco em seu interior, fechado ao mistério da graça.

Quando Jesus, na Última Ceia anuncia que um deles vai lhe entregar, todos ficam "assustados", "olham-se mutuamente", mas não conseguem identificar o traidor. Os traidores não têm um rosto especial; qualquer rosto vale para dissimular a traição do coração; qualquer rosto vale para esconder um coração traidor.

Judas, em nada dava sinais de ser diferente do restante dos discípulos. Por isso ninguém se atreveu a acusá-lo de traidor. Parecia tão normal como qualquer outro do grupo.

É que as traições são alimentadas e escondidas no coração; as traições não têm rosto, não são visíveis. Por isso mesmo, os traidores, são tão difíceis de serem reconhecidos. Caminham como todos. Comem como todos. Sorriem como todos. Tem cara de amigo, mas por dentro carregam um coração vendedor de vidas, de dignidades, de amizade...

Ao dar *"o pedaço de pão passado no molho"* vemos aí o último gesto de carinho por parte de Jesus para com Judas, uma graça final que o traidor recusa. Fez-se "noite" em seu interior, e ele saiu de casa para cumprir a intenção do seu coração: entregar Jesus.

O traidor é um exemplo das trevas sobre as quais brilhou a luz em vão; ele ama as trevas mais que a luz, porque suas obras eram más.

Sentimos pena de Judas, porque é um homem decepcionado com o chamado de Jesus e sua própria vocação. Não se sente como os outros, e nem sequer é tão espontâneo como Pedro ou os Zebedeus, que queriam ser importantes; ele não quer só ser importante, quer estar em tudo por cima dos outros. Está "amargo" porque Jesus não correspondia às suas expectativas como Messias e que estava perdendo o tempo com os discípulos em vez de prepará-los para a revolução e formar um grupo político, não religioso. Judas perdeu a admiração por Jesus.

Judas não compreende o gratuito, ou seja, o que recebeu de Jesus, as possibilidades de ser apóstolo e sair de si mesmo, entregando-se, doando-se... e tudo quer justificar a partir de seu próprio ponto de vista.

Judas não sabe participar e desfrutar de uma agradável refeição em companhia dos outros, nem se preocupa em agradecer a Jesus pela admirável ceia. Judas caminha para a decepção, a solidão e a morte. Abandona o grupo, sai à noite para alimentar seu "ego inflado", sofre a decepção frente seus "falsos" amigos, vê que sua vida já não tem saída nem sentido.

No fundo é fraco, tira a própria vida, não faz dela uma entrega, como Jesus.

Existem muitos "judas" na comunidade cristã, fechados em si mesmos e que buscam seus interesses egóticos; criticam todo gesto oblato de acolhida e de serviço; estão só preocupados em buscar algum benefício (número de seguidores, ruídos e tumultos, atos egóticos centrados no interesse financeiro). A entrega amorosa de cada dia parece não ter sentido para eles.

Há coisas e gestos que estão muito além do dinheiro: a delicadeza para com as pessoas, a compaixão para com os excluídos, a presença solidária entre os mais necessitados. A vida de comunidade, inspirada em Jesus, deve se constituir de detalhes carinhosos e não de racionalizações e conveniências de nosso gosto.

Pensemos em tantos “judas institucionalizados” que exploram as pessoas, alimentando uma “cultura de morte”; pensemos nos “pequenos judas” que carregamos dentro de nós, na hora de eleger entre lealdade e interesse, entre gratuidade e dureza de coração. *“Cada um de nós tem a capacidade de trair, de vender, de só optar em favor do próprio interesse. Cada um de nós tem a possibilidade de deixar-se seduzir pelo amor ao dinheiro, pela busca de poder. Judas, onde estás? É a pergunta que faço a cada um de nós”* (Papa Francisco).

Texto bíblico: Jo 13,21-38

Na oração: Diante de “Jesus traído”, recorde experiências pessoais de traição: quando foi traído? Quando traiu? Como se sentiu?

"EM TUA CASA VOU CELEBRAR A PÁSCOA..."

Tomada a decisão de *"subir a Jerusalém"*, começamos a descobrir, contemplando Jesus, qual pode ser o preço da **fidelidade** no seguimento.

A contemplação dos *"mistérios"* da **Paixão** acontece numa atmosfera de grande **intimidade**; ela vem a ser como um acompanhar Jesus em seu caminho de entrega radical; quem contempla não pode permanecer reduzido a um simples espectador, mas *"entrar"* no caminho de Jesus, apropriar-se dos *"mistérios"*.

A contemplação nos conduz a uma oração de união: querer unir-nos a Ele, **estar com** Ele em silêncio, diante de sua fidelidade, mistério que nos ultrapassa.

Não podemos desligar a **ação** de Jesus na Última Ceia do conjunto da sua **vida**, da sua ação, da sua missão: o anúncio e a construção do Reinado do Pai.

A **Última Ceia** recebe a sua significação a partir do conjunto desta **vida e ação** de Jesus. Ela é o ponto de chegada desta Vida comprometida com a vida; ao mesmo tempo, ela é antecipação de tudo o que vai ocorrer na Paixão: entrega radical da Vida.

Segundo os relatos dos Evangelhos, durante sua vida pública, Jesus transitou por muitas refeições, participou de muitas mesas (especialmente com os pobres e pecadores) e, para culminar, organizou com seus amigos mais próximos, uma ceia de despedida e de esperança; deixou uma **"mesa"** como marca dos seus seguidores: mesa da partilha do pão e da inclusão, mesa da festa e da comunhão.

Ali, ao partir o pão e passar o cálice, pediu que se recordasse d'Ele toda vez que comessem ou bebessem juntos, reavivando a esperança de construir o mundo que todos esperavam. Eles se transfigurariam e o mundo se transformaria em Comunhão toda vez que este gesto fosse repetido.

É no interior de uma casa e em torno a uma mesa que os seguidores de Jesus se constituem como verdadeira comunidade. Ao recordar a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus, os cristãos se comprometem a prolongar os Seus gestos, atitudes, valores, compromissos...

"Fazer memória" de Jesus junto à mesa é acolher o apelo d'Ele: *"dai-lhes vós mesmos de comer"*; é comprometer-se com a vida; é colocar a própria vida a serviço da vida.

Jesus, no final de sua vida pública, quis cear com os seus amigos e por isso precisavam encontrar uma casa e uma sala na qual houvesse espaço para estarem juntos. O ritual pascal dá lugar aos gestos simples que se fazem entre amigos: partilhar o pão, beber da mesma taça, desfrutar da mútua intimidade, entrar no clima das confidências... A relação de Jesus com os discípulos vinha de longe: levavam longo tempo caminhando, descansando e tomando refeições juntos, partilhando alegrias, falando das coisas do Reino.

Jesus sempre buscou companhia; havia nele uma necessidade irresistível de contar com amigos e confidentes.

E continuará considerando-os como amigos, mesmo quando um deles irá traí-lo e os outros fugirão.

Chama-nos a atenção, no Evangelho de Mateus, a maneira como Jesus indicou aos discípulos o local onde queria que a **Ceia** fosse celebrada: mandou-os seguir um homem que encontrariam à entrada da cidade.

Junto a personagens conhecidos nos Evangelhos, outros, sem nome, nem identidade, nem protagonismo, surgem inesperadamente, deixando sua “marca”, como o desconhecido homem que emprestou sua casa para que Jesus e seus discípulos pudessem celebrar a Páscoa.

Anônimo perante a posteridade, porque era seguido pelos que vinham atrás dele, este homem, de certo modo e do modo certo, serviu a Jesus como a Igreja deve servi-Lo, sem perguntar qual seria seu lugar à mesa. O que aconteceu dentro de sua casa, transformada no mais importante templo material da história humana, seria mais do que suficiente para arrancar dele alguma expressão de vaidade.

Mas, não é isso que aconteceu com ele; ofereceu a casa sem perguntar quem viria celebrar a Páscoa, sem pedir garantias, sem cobrar aluguel pelo espaço; enquanto os sacerdotes e Judas pechinchavam o valor da vida de Jesus, este desconhecido, por pura gratuidade, ofereceu sua casa ao mesmo Jesus.

Certamente, ele e sua família foram testemunhas desta ceia única e especial, e que será a marca de todo(a) seguidor(a) de Jesus.

Aquele homem desconhecido, representa a todos nós; cabe-nos mostrar o caminho do local da Ceia, cabe-nos palmilhar, sobre as pedras do cotidiano, o rumo que leva à casa do Pai.

E devemos fazer com que outros nos sigam, para que se cumpra tudo que foi instituído.

Orientadores do povo de Deus, abramos as portas da grande sala de nossa casa e a confiemos ao Mestre para que realize ali o imenso dom da **Eucaristia**, *“como aquele que serve”!*

Assim fizeram seus seguidores: após a Ressurreição Jesus foi *“reconhecido ao partir o pão”*; foi reconhecido não porque estava no templo ou ensinava na sinagoga, mas porque partia o pão nas casas.

Jesus fez do universo seu **corpo** e se faz **pão** para nós.

Por isso, no primeiro dia da semana, reuniam-se todos nas casas, oravam juntos, recordavam a mensagem de Jesus, comiam o pão, bebiam o vinho e a Vida ressuscitava. A isso chamavam, *‘ceia do Senhor’* ou *“fração do pão”*. Tudo era muito simples e despojado.

A transformação das relações humanas se dá através do partir o pão e do passar o cálice de vinho; como o **pão** é um, comer desse pão nos faz todos um. A Eucaristia faz de todos nós **Corpo de Cristo**. Daí o interesse da primitiva Igreja em que, na Eucaristia, comungassem todos do mesmo pão partido, com a finalidade de fazer visível essa unidade de todos.

Ninguém *ceia* sozinho. Há um *partir*, um *distribuir*, *mãos que se tocam*, *olhares que se encontram*.

E, em tudo isto, a sensação como se fosse a de uma *“conspiração”*.

Conspirar, com-inspirar, respirar com alguém, juntos.

Conspiradores: respiram o mesmo ar. Jesus e os discípulos, comendo o Pão e bebendo o Vinho, respiram o mesmo ar, o mesmo sonho, a mesma utopia do Reino.

É assim a comunidade dos cristãos, a Igreja: juntos, conspirando, mãos dadas, comemos o pão, bebemos o vinho e sentimos uma saudade/esperança sem fim...

Tomar o **pão** e o **vinho** da Eucaristia é fazer memória de uma **presença** que nos compromete.

Discípulos(as) de Jesus somos todos quando aprendemos a *partir o pão*. Reconhecemos os cristãos hoje quando partem o pão e não o armazenam. O pão armazenado, como o maná no deserto, se corrompe, apodrece. Compartilhar significa não “monopolizar”, não permitir que haja necessitados entre nós.

O pão partido é a vida compartilhada: meios, tempo, qualidades.

O cristão, além disso, compartilha seus ideais, seu entusiasmo, seu ânimo, sua fé, sua esperança.

Também hoje Jesus precisa de casas para celebrar a Ceia pascal; precisa de nossas mãos para plantar o trigo e triturar os, amassar a farinha e fazer o pão. E precisa de nosso coração para que o pão seja repartido.

O pão sem coração é pão "monopolizado". Pão indigesto, que engorda o egoísmo.

O pão sem coração gera divisões e conflitos. Quantas guerras fratricidas provoca o pão sem coração!

Deus precisa de nosso coração para que o pão leve o sinal da fraternidade, seja vitamina de solidariedade, alimento de comunhão, energia de vida.

Textos bíblicos: Mt 26,14-25

- Leia atentamente o relato da Última Ceia.
- Prepare-se para uma contemplação. Com a imaginação, faça-se presente à cena, indo com os discípulos para preparar o ambiente da Última Ceia.
- Procure ativar todos os sentidos: olhe as pessoas da cena, escute o que elas dizem, observe o que elas fazem, saboreie o pão e o vinho dados a você por Jesus...
- Participe, com alegria, deste evento único; deixe-se afetar por tudo o que acontece durante a refeição.
- Traga à sua memória o sentido da Eucaristia em sua vida.
- Reserve um momento de colóquio com Jesus, expressando a Ele seus sentimentos.

CASA: LUGAR DO “LAVA-PÉS” GESTO OUSADO QUE QUEBRA TODA PRETENSÃO DE PODER

Lembremo-nos, antes de tudo, desta expressão: *“a planta dos pés”*. Esta “planta” clama por raízes. Os **pés** escutam a terra e nos enraízam na realidade histórica. É difícil ter os **pés** sobre a terra... Podemos sentir isso se *“escutarmos”* bem nossos **pés**. O Ocidente deseja que as pessoas pensem no céu, e alonguem a cabeça no ar para fazê-la olhar para cima e ver as nuvens.

O Oriente sabe que a melhor maneira de chegar ao céu é pisar solidamente na **terra**. Segundo a tradição oriental, quanto mais próximo do chão estiver o **corpo**, mais livre fica a mente e mais sensível o coração.

Quanto mais proximidade e intimidade com a **terra**, mais profunda é a experiência espiritual.

Cada **passo** deve ser uma oração e cada caminhar é um rosário de contas que marcam os caminhos da vida com a fé do caminhante.

Dá força e inspiração sentir a grande Casa, a **Terra**: apalpar sua firmeza, medir sua imensidade, contemplar sua beleza; ela é o **altar cósmico** sobre o qual celebra-se diariamente a liturgia da vida.

Não há uma **“Terra Santa”**, há uma maneira santa de caminhar sobre a **terra**. É a nossa maneira de caminhar sobre a **terra** que a torna sagrada.

Mudar o nosso modo próprio de **caminhar**, mudar o nosso modo de colocar o **pé** na terra, não é somente uma terapia psicossomática, mas pode ser um exercício espiritual. É aceitar-nos em nossa dimensão terrosa.

O equilíbrio do corpo, o equilíbrio do nosso psiquismo, o equilíbrio de nossa vida espiritual depende deste **enraizamento**. E se as raízes são saudáveis, toda a árvore é saudável. Algumas vezes somos jardineiros, muito atentos à flor e ao fruto, mas esquecemos as **raízes**, esquecemos os **pés**.

É por aí que devemos começar os nossos cuidados.

A tradição dos Padres do Deserto nos diz que todos nós temos os **pés** vulneráveis, muitas vezes feridos e maltratados. E temos necessidade de sermos cuidados e curados no nível de nossos **pés**. Precisamos fazer o caminho que vai dos *“pés inchados e feridos”* aos *“pés alados”*; partimos de nossos **pés** pesados como se tivéssemos um fardo de memórias para carregar conosco. Sentimos que este fardo de memória nos entrava a marcha e nos impede o caminhar.

É preciso cuidar dos próprios **pés** para que eles possam reencontrar suas asas; caminharemos, assim, sobre a terra com os pés livres, leves, soltos. E, como seres humanos, reencontraremos nossa condição **divina**.

Jesus sabia que seus discípulos tinham pés frágeis, pés de argila. Amar alguém não é querer que ele fique deitado a seus pés, mas é querer que ele se mantenha de pé em toda sua grandeza, na plenitude de sua humanidade. Amar alguém é querê-lo com os pés “livres, leves e soltos”. Lavar os pés é gesto de humanização e gesto humanizante. É devolver ao outro a dignidade e capacidade de dar destino à sua vida.

O gesto do **“lava-pés”** é inspirador para todo(a) seguidor(a) de Jesus Cristo; constitui um dos gestos mais ousados e expressivos da missão e da identidade para aqueles que exercem algum **serviço** em sua comunidade. É revelação e ensinamento. É amor e mandamento. É gesto-vida, gesto-horizonte, gesto-luz...

Não se pode amar alguém e olhá-lo de cima. Não se trata também de se “humilhar”, de se colocar “abaixo” de seus pés, mas de **cuidar** de seus pés para que esse alguém possa se manter de pé, para que ambos possam estar face a face e caminhar juntos.

O Evangelho de S. João substitui a instituição da Eucaristia pelo **Lava-pés**.

Audaciosa inovação que dirige o **gesto eucarístico** para a revolução das relações humanas: Jesus se esvazia de todo poder, faz-se servo e revela sua verdadeira identidade na capacidade para **servir**; a **autoridade** não se exerce submetendo o outro, mas possibilitando que o outro “seja” ele mesmo.

O **Lava-pés** é gesto ousado que quebra toda pretensão de poder. Jesus viu claramente que o perigo mais grave que ameaçava seus seguidores é a tentação do **poder**. Não há dúvida de que isso é o que causa o maior dano a todos, o que mais desumaniza.

A reação de Pedro expressa bem o escândalo que este gesto produz, porque Jesus revela que a **autoridade** - ser Senhor – é um serviço, não uma dominação.

Pedro fica desconcertado e em dilema. Sua imagem do Messias seguro e vencedor não combina com a vulnerabilidade de um servo.

Por isso, com esse gesto, Jesus expressa que nunca quis agir como o superior que se impõe com poder; do mesmo modo, viu em semelhante comportamento uma conduta radicalmente inaceitável para seus seguidores. A relação que se estabeleceu entre os discípulos e Jesus não foi a de submissão a um poder que manda e dá ordens, mas a do **“seguimento”** que brota da experiência de sentir-se atraído e seduzido pelo “modo de proceder” do mesmo Jesus.

O **“descendimento”** do Senhor aos pés dos discípulos e fazendo-se servidor, transforma o status da **servidão** (*“o servo não sabe o que faz seu senhor”*) em **fraternidade** (*“não vos chamo servos, mas amigos”*).

Deste modo se mostra o verdadeiro **senhorio** de Jesus: a possibilidade de restabelecer a igualdade entre as pessoas através da superabundância de um **amor** que se derrama, sem reservas, para todos. Este gesto provocativo de serviço e despojamento d'Aquele que é **“Senhor”** desperta em cada seguidor o desejo de considerar suas qualidades e capacidades como veículos de doação, não de poder ou de manipulação.

A partir deste **“ousado gesto”** já não se justifica nenhum tipo de superioridade, mas somente a relação pessoal de irmãos e amigos.

A cena do **lava-pés** revela profundidade e delicadeza, mútuo dom e acolhimento, comunhão e pressentimento. É um gesto profético, repleto de generosidade e de humildade.

Com este gesto Jesus des-vela uma **imagem** nova de Deus: o Todo-Misericordioso esvazia toda e qualquer expressão de **poder** e submissão entre os humanos.

Ninguém serve a Deus, a não ser do jeito de Jesus, isto é, lavando os pés dos outros, amando-os até o fim.

Nosso Deus não é prepotência, mas condescendência. É o Criador que se põe aos pés da criatura.

Nosso Deus é um Deus que **“desce”**, que se **“inclina”** para acolher.

Mistério da Encarnação: Deus abraçando e sendo encontrado junto aos pés dos seus filhos(as).

Casa, mesa, lava-pés, refeição, hospitalidade..., são os grandes sinais do Reino. Em torno à mesa se expressam os valores de uma nova ordem social. A casa, a hospitalidade, a refeição partilhada são o sacramento do sonho de Deus sobre a humanidade e sobre o cosmos inteiro.

A casa-lar deve ser o ambiente privilegiado onde se prolonga e se visibiliza o gesto provocativo do lava-pés; gesto que desperta uma sensibilidade solidária diante daqueles que não tem morada digna para poderem viver os valores evangélicos da acolhida, da partilha, da convivência...

Na vivência do serviço evangélico, somos chamados a vestir o **"avental de Jesus"**. **"Vestir o coração"** com o avental da simplicidade, da ternura acolhedora, da escuta comprometida, da presença atenciosa, do serviço desinteressado...

Precisamos **"levantar-nos da mesa"** cotidianamente. Há sempre um lar que nos espera, um ambiente carente, um serviço urgente. Há pessoas que aguardam nossa presença compassiva e servidora, nosso coração aberto, nossa acolhida e cuidado...

Sempre teremos **"pés"** para lavar, mãos estendidas para acolher, irmãos que nos esperam, situações delicadas a serem enfrentadas com coragem...

Sempre teremos, também, a necessidade de nos **"sentar à mesa"** para renovarmos as forças e redobarmos a coragem de nos levantar e, na humildade, sem manto, servir com amor, do jeito de Jesus.

"Levantar-nos da mesa" – **"sentar-nos à mesa"**: movimento de partida e de chegada; prolongamento do gesto provocativo e escandaloso de Jesus.

Texto bíblico: Jo 13,1-15

Na oração: Seja você alguém que, na admiração da gratidão, se aproxima deste **gesto ousado** de Jesus (tirar o manto e vestir o avental), a fim de purificar sentimentos, endireitar caminhos e aprofundar a caminhada na convivência com os irmãos.

A sua identificação com Jesus lhe confere um novo modo de ver, avaliar e assumir atitudes mais evangélicas.

É a **contemplação**, o modo de orar mais envolvente que lhe pode fazer enxergar o milagre; e, sensibilizado(a), abrir-se à dimensão do maior serviço, por pura gratuidade.

« UMA VIDA CONSUMADA FAZ FECUNDA A MORTE »

“Tudo está consumado” (Jo 19,30)

A vida humana é fecunda, é potencialidade, é explosão de criatividade... Assim como na semente há vida latente esperando a oportunidade de expandir-se, também no ser humano encontram-se ricas possibilidades, esperando a morte do “eu mesquinho”, para se plenificarem.

A morte do falso “ego” é a condição para que a verdadeira vida se liberte. É preciso passar pela morte do que é terreno, caduco, transitório (paixões, apegos desordenados...) para deixar emergir a vida interior, a vida divina, a vida de Deus em nós.

O essencial não é encontrar um caminho para alcançar a imortalidade, mas aprender a “morrer em Cristo”.

O “depois da vida” é um grande encontro onde seremos perguntados: *“o quanto você viveu sua vida?”*

A **vida** é constantemente chamada a ser Páscoa. Porque na vitória da **Vida** entregue, ela ganha sentido, avança, como uma torrente que rega terras secas, ávidas de água, como um fogo que, na noite mais escura, traz uma luz que permite vislumbrar a vida oculta.

A **vida** é movimento e, portanto, energia expansiva. Podemos consumi-la em benefício do ego (falso eu) e então vem o fracasso. Podemos consumi-la em benefício dos outros e da causa do Reino; e então, consumá-la, dando-lhe plenitude. Ter apego à própria vida é destruir-se; entregar a vida por amor não é frustrá-la, mas levá-la à sua completude. Aqui há uma inversão na lógica natural das coisas; ganha-se quando perde, vive-se quando morre, multiplica-se quando divide.

Perder-ganhar, morrer-viver, entregar-reter, doar-receber..., parecem dimensões ou realidades contraditórias, mas captar a profundidade da verdade contida nesta “contradição aparente” é descobrir o Evangelho.

“Morrer”, “perder”, “entregar” ... é este instante de ruptura, onde toda uma **vida** incubada, trabalhada no silêncio e no sofrimento, marcada de alegrias e tristezas, vitórias e fracassos, desponta luminosa para a vida eterna. Pois **vida** é um contínuo despedir-se e partir; ela nos desaloja de nossos “lugares estreitos” e nos faz caminhar em direção a novos horizontes.

A vida aumenta quando compartilha e se atrofia quando permanece no isolamento e na comodidade.

De fato, aqueles que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança do conhecido e se dedicam apaixonadamente à missão de comunicar vida aos outros.

Ao contemplar o Crucificado, muitos questionamentos vão surgindo:

- a **Cruz** é sinal de solidariedade ou sinal de poder, sinal de libertação ou sinal de opressão, sinal de rebeldia ou sinal de submissão, sinal dos vencidos ou sinal dos vencedores...?
- Perguntamo-nos se é a **Cruz** dos condenados deste mundo ou a cruz dos que condenam, a Cruz dos crucificados da terra ou a cruz dos que continuam crucificando como em outro tempo crucificaram a Jesus?

A primeira coisa que descobrimos ao contemplar o Crucificado do Gólgota, torturado injustamente até à morte pelo poder político-religioso, é a força destruidora do mal, a crueldade do ódio e o fanatismo da mentira. Precisamente aí, nessa vítima inocente, nós seguidores de Jesus, vemos o Deus identificado com todas as vítimas de todos os tempos. Está na Cruz do Calvário e está em todas as cruzes onde sofrem e morrem os

mais inocentes. A partir da **Cruz**, Deus não responde o mal com o mal; Ele não é o Deus justiceiro, ressentido e vingativo, pois prefere ser vítima de suas criaturas antes que verdugo.

O Crucificado nos revela que não existe, nem existirá nunca um Deus frio, insensível e indiferente, mas um Deus que padece conosco, sofre nossos sofrimentos e morre nossa morte.

Despojado de todo poder dominador, de toda beleza estética, de todo êxito político e de toda auréola religiosa, Deus se revela a nós, no mais puro e insondável de seu mistério, como **amor** e somente amor.

Nós cristãos contemplamos o Crucificado para não esquecer nunca o "amor louco" de Deus para com a humanidade e para manter viva a recordação de todos os crucificados da história.

"Jesus morreu de vida": de bondade e de esperança lúcida, de solidariedade alegre, de compaixão ousada, de liberdade arriscada, de proximidade curadora...

Nesse sentido, a **cruz** de Jesus não é um "peso morto"; ela tem sentido porque é consequência de uma opção radical em favor do Reino. A **Cruz** não significa passividade e resignação; ela nasce de sua **vida** plena e transbordante; ela resume, concentra, radicaliza, condensa o significado de uma **vida** vivida por Jesus na fidelidade ao Pai que quer que todos vivam intensamente.

Existem cruzes que são vazias, sem sentido, in-sensatas..., pois elas fecham a pessoa em si mesma, no seu sofrimento e angústia; não apontam para o futuro, para a vida.

São cruzes que nós impomos sobre nossos ombros ou que os outros nos impõem. São cruzes que nascem dos fracassos, dos traumas, das rejeições, das experiências frustrantes... Tornam-se um "peso morto" pois não abrem um horizonte de vida; elas se fixam no passado, na morte... e nos deixam no túmulo.

Fazer o caminho contemplativo junto a Jesus que leva a Cruz da fidelidade nos ajuda a romper com as cruzes que nos afundam no desespero.

A **Cruz** assumida por Jesus é *"expansiva"* porque é expressão de uma vida entregue; ao mesmo tempo, ela O projeta para a *"margem"* onde Ele revela uma presença despojada, vulnerável, que se identifica com a dor do mundo, com a marginalização dos excluídos e com a desgraça de todos os miseráveis da terra. Sua **Cruz** manifesta que Deus é Compaixão porque continua do lado do inocente sofredor; Deus não apenas se solidariza, mas sofre "em sua pele".

Acompanhando Jesus na paixão, também "vamos sendo talhados" pelas cenas que contemplamos, com o coração aberto à dor e à aflição. É o **seguimento** levada às últimas consequências.

Participando da **morte** de Jesus, podemos também fazer de nossas cotidianas **mortes** um ato de decisão, de entrega, de oblação. A certeza de nossa fé em Cristo, morto e ressuscitado, nos ajuda a tirar do coração os medos, os impulsos egoístas de busca de segurança e proteção, e encontrar uma paz profunda que nos permita fazer de nossa vida uma oferenda gratuita em favor da vida dos outros.

É gratificante fazer memória de tantos homens e mulheres que foram presença compassiva e, à maneira de Jesus, consumiram suas vidas em favor da vida; histórias silenciosas de tantas pessoas que com sua presença ajudaram os outros a viver; pessoas que revelaram a paixão por viver em pequenas paciências cotidianas, que entregaram suas vidas sem brilho algum, sem vozes que a proclamassem; foram como o fermento silencioso que se dissolveram na massa para fazê-la crescer.

Com a **Cruz** "descemos" com Jesus até à cruz da humanidade.

A solidariedade com os pobres, a fidelidade à vida evangélica, nos fazem descer aos porões das contradições sociais e políticas, às realidades inóspitas, aos terrenos contaminados e difíceis, às periferias insalubres das

quais todos fogem e onde os excluídos deste mundo lutam por sobreviver. Ali nos encontramos com o Crucificado, o “Justo e Santo”, identificado com os crucificados da história.

Como diz Jon Sobrino, não podemos crer no Crucificado de um modo coerente se não estamos dispostos a fazer descer da **Cruz** aqueles que estão dependurados nela.

Entende-se, assim, o grande “**grito**” que brotou das profundezas da dor de Jesus na Cruz e que continua ecoando como clamor angustiado. Não são poucos os gritos dos mais pobres e excluídos.

O grande grito de Jesus é a certeza de tudo o que sustenta o seu coração; ao ecoar junto aos crucificados, provoca grandes novidades. Um grito que não fica no vazio, mas aponta para a **Vida**.

Texto bíblico: Jo 18,1-19,42

Na oração: Somos grãos de trigo na grande seara do mundo; e o grão de trigo eterniza-se na sua entrega-doação para que outros matem suas fomes e vivam com sentido.

Aprendamos a morrer para nossos interesses mesquinhos; só assim nossa vida terá a dimensão da eternidade.

— *“Se a semente do trigo sou eu, a que devo morrer, para que a **vida interior** possa se expandir?”*

— “Fazer memória” dos crucificados da história e que clamam por uma presença solidária: os sem teto, sem-terra, sem trabalho.

SÁBADO SANTO: UM FRIO SEPULCRO NOS INTERPELA

“A partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19,27)

O Sábado Santo é o dia do grande silêncio: *“Um grande silêncio reina hoje sobre a terra; um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio porque o Rei dorme; a terra estremeceu e ficou silenciosa, porque Deus adormeceu segundo a carne”* (de uma antiga homilia de Sábado Santo). É o silêncio sepulcral. Jesus morreu e foi sepultado. Os seus amigos provaram o fel amargo da desilusão. Os evangelhos afirmam que todos os discípulos o traíram; deixaram tudo para o seguir, confiaram-lhe as suas vidas e, afinal, o messianismo de Jesus reduziu-se a um sepulcro frio, escuro e silencioso, como todos os túmulos da terra.

Em todo caminho espiritual é preciso passar pela *“noite”*, pela *“ausência”*, pelo *“silêncio”*, para amadurecer. É inevitável experimentar, durante algum tempo, alguma forma desconcertante de sentir a **presença-ausência** de Deus.

A terrível “noite escura” do **Sábado Santo** corresponde a um incontestável estágio espiritual, como dura, mas inevitável *“passagem”* (Páscoa) para a Luz do Domingo.

Só atravessando o silêncio, a “Noite Amarga” se transforma em “Noite Amável”.

Um **silêncio** entendido como outra forma de presença de Deus.

O **silêncio** de Deus deve ser respeitado, pois a Deus lhe dói a morte de seus filhos e filhas; o Pai não estará fazendo luto por seu Filho e por suas criaturas?

- Não será que o silêncio do Sábado Santo supõe o direito de Deus se calar?
- Que Deus não tem direito de guardar silêncio?
- Quem somos nós para exigir de Deus que nos esteja falando continuamente?

Se não oramos a partir desse **silêncio**, é porque ainda não mergulhamos no mistério do Amor compassivo.

Muitas vezes negamos a Deus o que de mais humano há em nós: o poder fazer comunidade compassiva e solidária, compartilhando a dor e o luto.

O Pai está de luto; toda a natureza está de luto; em silêncio, ela acolhe a semente do **Corpo** do Verbo, na esperança de germinar **Vida** plena. A Terra, mais uma vez, oferece casa e abrigo ao Corpo do Crucificado. Aquele que morrera “fora dos muros da cidade” encontra moradia no seio da mãe-terra.

O **Sábado Santo**, portanto, não é o mutismo de Deus, mas seu **Silêncio**, ou seja, a ação oculta de Deus estendida no tempo, quer na vida, quer na morte; Deus nos fala em sua mudez.

O **silêncio** do Senhor nos move a procurar, a escutar, a enxergar... O silêncio do sepulcro nos interpela.

Iluminados pelo dom da fé, sabemos que, depois do silêncio, renasce a Palavra. O que parecia o fim, na realidade aquele silêncio era o mesmo que precedeu a Palavra criadora: *“Faça-se luz”*. E do “caos da escuridão” surgiu a luminosidade do “cosmos”.

O silêncio de Deus é fecundo. É no tempo silencioso que a semente se torna fruto e o ser humano se torna pessoa. O silêncio permite transformar a morte em vida. Aquele túmulo, afinal, era uma fonte pujante de vida e de alegria. Aquele lugar, aparentemente escuro e vazio, veria uma luz que o mundo inteiro não pode conter. Por isso, para nós, as experiências do silêncio de Deus serão sempre um convite à fé e à esperança.

Não há razão para o medo, pois o silêncio esconde a vida e a consolação de Deus.

O enfoque dia sabático está no fato de que é preciso esperar no silêncio e na calma. Às vezes queremos passar da morte à vida sem espaços de *esperas*.

Sabemos que a vida da Igreja, como também a nossa vida pessoal, é feita de longos **sábados santos**, nos quais nem a dor da **Paixão** nem o consolo da festa **Pascal** marcam significativamente nossos dias e nossas noites, mas simplesmente a dura e paciente **espera**, na fé mais despojada, de um Senhor, que se faz esperar tanto que parece que já não vai chegar mais.

É o **Sábado Santo** de um credo pascal que sabe que *amanhã* florescerá a messe. Submergido no **sepulcro** do Senhor, espera-se simplesmente.

Ao sentir a própria incapacidade de levar adiante a exigência do Evangelho, cada um(a) se apresenta **no** sepulcro do Senhor de onde pode irromper a **força transformadora** da manhã da Ressurreição.

O Sábado Santo é um dia sem liturgia, em silêncio, não passa nada, não sucede nada, recorda a solidão do sepulcro, a tristeza das mulheres e dos discípulos, a desilusão diante do fracasso.

"O Rei dorme", comenta uma antiga homilia sobre o Sábado Santo. O povo canta o "Shabat mater", acompanha a Virgem dolorosa, espera com ela, em silêncio, a aurora pascal.

Da escuridão da morte do Filho de Deus brota a **Luz** de uma esperança nova: a luz da **Ressurreição** reflete-se no rosto de Maria. Nossa amizade e devoção a Maria da esperança, a transparência feminina do Espírito, nos mantém no ritmo da espera.

Segundo Santo Inácio, no percurso dos Exercícios Espirituais a **Paixão** termina na casa de Nossa Senhora (EE 208). É em sua casa que se abrirá também a semana da **Ressurreição**.

Santo Inácio segue aqui uma tradição de sua época, onde se aceitava como fato revelado que a primeira aparição do Ressuscitado foi à Virgem Maria (EE 299).

A Escritura não nos apresenta nenhum relato de aparição a Maria. Mas, segundo Inácio, mesmo que a Escritura não o diga, essa aparição é evidente. Talvez a mesma Escritura tenha dado por suposto, já que o caso de Maria é diferente: aqui Jesus não teve que educar a fé de sua mãe. Ele a encontrou em atitude de *espera* permanente. Sua fé tinha sido firme e por isso a tradição situa o início da vida da Igreja em torno a Maria, e Maria como aquela que congrega e apoia a fé conturbada dos discípulos.

Porque ela soube estar com o Crucificado, pode ver o Ressuscitado.

Junto a Maria, é preciso considerar o **Sábado Santo** como um tempo de luto e pranto: depois da dor intensa da **Sexta-feira Santa** dá-se lugar a uma dor silenciosa, contida, como a terra que vai se empapando até suas entranhas com a água caída torrencialmente sobre a superfície.

O que aconteceu na superfície da terra na **Sexta-feira Santa**, acontece nas profundezas da morte no **Sábado Santo**, para que no **Domingo** da Ressurreição sejam resgatados ambos os acontecimentos.

É preciso saber acolher este **silêncio** surdo, que marca a passagem entre duas experiências intensas: a **Sexta-feira** de dor e o **Domingo** de Ressurreição.

No sepulcro, Jesus se faz solidário com toda a morte humana. E é preciso esperar com Ele. É preciso esperar em nossos projetos e sonhos, na libertação dos povos, em uma nova humanidade.

Em nossas vidas teremos muitas sextas-feiras santas de dor e dias de Páscoa, mas, teremos muito mais **sábados de espera**.

O ser humano que espera não tem certeza, não fica seguro, não está satisfeito. Mas a **esperança** tem fundamento; não é uma ilusão e nem uma utopia; não é um sonho impossível e nem uma lembrança irrecuperável; não é só futuro, mas permanece, disfarçadamente, presente; não é uma morada, mas um sentimento sempre inédito. A **esperança** evita tropeçar no fracasso, no desânimo, na apatia e no silencioso desespero. Ela se acende à noite, vence na impotência; começa na limitação; é ousada na fragilidade.

A **esperança** é caminho e meta, posse e dom, destino e encontro, antecipação e cumprimento, expectativa e busca, risco e proteção, nó e liberdade. A esperança é certa, mas não dá “garantias”.

Arrancados ao silêncio dos nossos túmulos, também nós podemos gritar como Maria Madalena no primeiro dia de Páscoa: “*Vi o Senhor!*” Este grito, que nos enche de esperança, rasgará todo o silêncio, e ecoará por toda a eternidade.

A força da **esperança** está oculta precisamente na sua impotência. A Cruz permanece em seu lugar, mas o sepulcro fica vazio para sempre! É **Ressurreição**: vida plena antecipada.

Texto bíblico: Jo 19,25-27

Oração: contemplar Maria em sua “**segunda Anunciação**”; na “primeira Anunciação” deu-se o início da **vida** de Jesus. Agora, essa Vida se revela a ela como Vida definitiva.

Que Maria eduque nossa confiança; que ela nos encha de esperança!

RESSUSCITADOS(AS), HABITAMOS CASAS DE PORTAS E JANELAS ABERTAS

*“As mulheres correram com grande alegria, para dar a notícia aos discípulos”
(Mt 28,8)*

Ainda não é dia, mas amanhece um tempo novo, ressoam como ditas para nós as palavras de Isaías: *“Algo novo está brotando, não o notais?”* (Is 43,18-19). É **tempo de esperança**.

A **noite** é o tempo do **mistério** e da **promessa**, é o lugar da espera e da realização, o espaço do desejo e do encontro, da invocação e da revelação, do sofrimento e da paixão, do silêncio e da oração, da vida e da morte, do Natal e da Páscoa...

A experiência da **Ressurreição** nos faz “passar” pela **noite** e perceber no seu interior os segredos ali escondidos, as surpresas que nos são reservadas. É a experiência da presença da **“noite”** no ritmo da vida: noite que causa medo, provoca arrepios, impede a visão, paralisa...

A partir da **experiência pascal**, a **noite** pode espantar, mas também pode ser chance para ver melhor; a morte pode ser ameaçadora, mas ela ensina a viver; o sepulcro vazio pode causar dúvida, mas ele aponta para a ressurreição; o **infinito** pode suscitar inquietação, mas consegue impulsionar para o além, até acender no coração uma chama persistente: a **esperança**.

Após a morte e o sepultamento de Jesus, os discípulos se refugiam em uma **casa**; anoitece em Jerusalém e também em seus corações. Ninguém os pode consolar de sua tristeza e desolação. Pouco a pouco, o medo vai se apoderando de todos; a única coisa que lhes dá certa segurança é “fechar as portas”. Estão reunidos, escondidos, polarizados na frustração, concentrados na perda dolorosa, desconfiados de tudo e de todos.

Na comunidade reina um vazio que ninguém pode preencher; também eles estão mergulhados na morte, literalmente vivendo numa “casa sepultura”: sem futuro, sem sonhos...

Os discípulos têm a sensação de estarem sufocados, como numa prisão, na qual a inquietude, a insegurança, a confusão, o vazio, a ansiedade e a tristeza são inevitáveis.

O evangelista Mateus descreve a transformação que acontece nas mulheres que foram ao sepulcro, de madrugada: sentem uma intensa alegria quando Jesus, cheio de vida, se faz presente diante delas. O Ressuscitado está de novo no centro de sua comunidade de seguidores; eles sentem Seu alento criador. Tudo começa de novo. Tal presença os liberta do medo e da dúvida, os faz escancarar as portas e dar início ao processo de evangelização.

O Ressuscitado se aproxima como Presença viva que dá **Vida**: deixa-se ver, fala, interpela, corrige, anima, comunica paz e alegria. Em uma palavra, presenteia seu Espírito.

Outra vez Jesus re-cria a comunidade que, depois da Paixão, estava desintegrada; as mulheres e os discípulos experimentam novamente o chamado e o envio, para serem testemunhas e cúmplices do Espírito; vivem a certeza existencial de que o Crucificado é o Ressuscitado, que a morte foi vencida, que Deus é o Senhor da Vida. Impulsionados pela força do Espírito, seguirão colaborando, ao longo dos séculos, no mesmo projeto salvador que o Pai confiou a Jesus.

Para isso, descubrem que é preciso escancarar portas e janelas das casas para anunciar a grande novidade: há “sinais” de **Ressurreição** perpassando todas as experiências humanas.

A imagem pascal é a da *“porta da liberdade”*, que possibilita uma vida sempre expansiva.

A Vida verdadeira implica saída de nossos espaços, muitas vezes atrofiados e de curto horizonte: por isso, precisamos de portas e janelas, nossa casa interior precisa de saída. Não podemos, não devemos permanecer fechados, pois isso atrofia nossas possibilidades de vida, sobretudo se estamos reclusos no egocentrismo.

Equivocadamente distraídos por alguma complacência ou comodidade interna, nem sempre caímos na conta de que vivemos fechados; não percebemos o perigo letal da asfixia existencial; não sentimos as amarras da dependência ou os vícios que a vontade fragilizada já não consegue romper.

Nesse sentido, podemos entender a imagem pascal da **“porta”** enquanto espaço aberto que permite a vida fluir. Porque vida é, antes de mais nada, espaçosa, amplitude ilimitada que tudo abarca e que se expressa em infinidade de formas, todas elas habitadas pela mesma e única Vida.

Precisamos nos libertar, nos desatar, sair; precisamos de uma porta! Precisamos sair de nossos túmulos!

Bendita porta de saída!

O próprio Jesus já tinha afirmado antes: *“Eu sou a Porta”*. E é verdade, porque Jesus, “ressuscitado dentre os mortos”, abriu um espaço no hermético ventre da morte. Com seu próprio corpo e sua vida, Jesus se transformou em **Porta da Vida** verdadeira e com a força do seu Espírito Ele nos liberta, nos desata para sair dos espaços atrofiados e passar para a vida ampla do amor, para a vida com os outros.

Uma **porta aberta**. Somos impactados pela luz que vem de fora e pelo ar vivificante. Nós ouvimos sua voz. Ele se dirige a cada um(a) e à sua voz nos colocamos em marcha. O oxigênio que aí respiramos é o Sopro do próprio Deus.

Jesus é uma **Porta** grande e aberta que favorece a circulação com toda a liberdade. Entrar por essa Porta é o mesmo que “aproximar-nos d’Ele”, “escutar sua voz”, “identificar-nos com Ele”.

Em Jesus, todo(a) seguidor(a) pode alcançar a verdadeira liberdade; *“poderá entrar e sair”*, terá liberdade de movimento.

As **portas** abertas, por sua vez, permitem ampliar nosso horizonte. Através delas purifica-se o ar denso e irrespirável do nosso interior, que geramos quando nos fechados em nós mesmos. Elas nos abrem à comunhão com a natureza, com os outros, com a realidade que nos cerca. Elas nos humanizam, pois servem para nos revelar aos outros quem somos, que eles fazem parte de nossa casa e que, abertas, indicam que eles podem entrar e sair livremente em nossas vidas.

Como seguidores(as) de Jesus, habitando em casas construídas sobre a rocha do Evangelho, deveríamos nos preocupar mais com as portas e janelas e menos com os espelhos. Outros rostos precisamos descobrir: rostos feridos, excluídos, carentes de proximidade e abraço.

Muitas vezes, as portas nos protegem da diversidade, blindam nossa individualidade e parecem itens indispensáveis à sobrevivência. Assim, somos prisioneiros de nossa estreita visão de mundo e fazemos de nossa casa uma couraça que enclausura. Melhor a viagem que nos faz vulneráveis do que a segurança que nos rouba o horizonte. Melhor enfrentar o impacto do diferente e usufruir da liberdade do que inventar portas seguras que nos fazem cativos e solitários dentro de nossas próprias casas.

Quando estamos atravessando graves crises, como aquela vivida pelos discípulos, depois da paixão e morte de Jesus, é reconfortante entrar na profundidade de nosso ser e deixar ressoar estas palavras: *“alegrai-vos!”*

É a experiência do encontro com o Ressuscitado que nos pacifica, mesmo em situações de crises, fracassos, horizontes sem saída..., quando o medo e a angústia se manifestam com mais força.

A serenidade é uma vivência profunda, íntima, salutar... De repente, alcançamos uma paz inspiradora, uma paz que ninguém pode nos comunicar; uma alegria serena que pacifica nosso interior.

Basta permanecer nessa paz, na nossa morada interior.

Através das mulheres, os discípulos receberam novamente a missão de Jesus. Elas se converteram em mensageiras da boa notícia; elas assumiram o protagonismo e relançaram o projeto do Reino a partir de sua grande intuição: na Galileia começou a história e ali deverá ser reiniciada.

Seguir as pegadas do Galileu confirma que Ele vai adiante guiando os seus seguidores e seguidoras. Percorrer seus passos garante à sua comunidade a experiência de contar com Ele: *"Ele irá à vossa frente, na Galileia; lá vós o vereis. É o que tenho a dizer-vos"* (Mt 28,7).

Textos bíblicos: Mt 28,1-10

Na oração: - Que abramos as portas e as janelas da nossa vida, para que todos possam ver o quanto de vida há dentro dela, para que vejam quem somos, como vivemos..., de maneira que possamos oferecer e compartilhar espaço de perdão, de acolhida sem preconceitos, de amor oblato...; é preciso afastar a pedra do dogmatismo, do legalismo, do ritualismo... que nos mantém sufocados ou respirando o ar fétido dos túmulos.

- Que sonhemos também com uma Igreja que rompa os túmulos do conservadorismo, do legalismo, da apatia, e se abra à desafiante situação de nosso mundo, "vivendo em saída" para "tocar" os chagados e lhes oferecer o dom da unção e do consolo.

UMA INSPIRADA PÁSCOA A TODOS E TODAS!

Domingo de Ramos da Paixão do Senhor

Mt 21,1-11

Jesus e seus discípulos se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do monte das Oliveiras. Então Jesus enviou dois discípulos, dizendo: "Vão até o povoado que está na frente de vocês. E logo vão encontrar uma jumenta amarrada, e um jumentinho com ela. Desamarrem e tragam os dois para mim. Se alguém lhes falar alguma coisa, vocês dirão: 'O Senhor precisa deles, mas logo os mandará de volta.' " Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta: "Digam à filha de Sião: eis que o seu rei está chegando até você. Ele é manso e está montado num jumento, num jumentinho, cria de um animal de carga." Os discípulos foram e fizeram como Jesus tinha mandado. Levaram a jumenta e o jumentinho, estenderam os mantos sobre eles, e Jesus montou. Uma grande multidão estendeu seus mantos pelo caminho; outros cortaram ramos de árvores e os espalharam pelo caminho. As multidões, que iam na frente e atrás de Jesus, gritavam: "Hosana ao Filho de Davi! Bendito aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto do céu!" Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada, e perguntavam: "Quem é ele?" E as multidões respondiam: "É o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia."

Segunda-feira da Semana Santa

Jo 12,1-11

Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi para Betânia, onde morava Lázaro, que ele havia ressuscitado dos mortos. Aí ofereceram um jantar para Jesus. Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com Jesus. Então Maria levou quase meio litro de perfume de nardo puro e muito caro. Ungiu com ele os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. A casa inteira se encheu com o perfume. Judas Iscariotes, um dos discípulos, aquele que ia trair Jesus, disse: "Por que esse perfume não foi vendido por trezentas moedas de prata, para dar aos pobres?" Judas disse isso não porque se preocupava com os pobres, mas porque era um ladrão. Ele tomava conta da bolsa comum e roubava do que era depositado nela. Jesus, porém, disse: "Deixe-a. Ela guardou esse perfume para me ungir no dia do meu sepultamento. No meio de vocês sempre haverá pobres; ao passo que eu não estarei sempre com vocês."

Muitos judeus ficaram sabendo que Jesus estava aí em Betânia. Então foram aí não só por causa de Jesus, mas também para verem Lázaro, que Jesus havia ressuscitado dos mortos. Então os chefes dos sacerdotes decidiram matar também Lázaro, porque, por causa dele, muitos judeus deixavam seus chefes e acreditavam em Jesus.

Terça-feira da Semana Santa

Jo 13,21-38

Depois de dizer essas coisas, Jesus ficou profundamente comovido e disse com toda a clareza: "Eu garanto que um de vocês vai me trair." Desconcertados, os discípulos olhavam uns para os outros, pois não sabiam de quem Jesus estava falando. Um deles, aquele que Jesus amava, estava à mesa ao lado de Jesus. Simão Pedro fez um sinal para que ele procurasse saber de quem Jesus estava falando. Então o discípulo se inclinou sobre o peito de Jesus e perguntou: "Senhor, de quem estás falando?" Jesus respondeu: "É aquele a quem vou dar o pedaço de pão que estou umedecendo no molho." Então Jesus pegou um pedaço de pão, o molhou e o deu para Judas Iscariotes, filho de Simão. Nesse momento, depois do pão, Satanás entrou em Judas. Então Jesus lhe disse: "O que você pretende fazer, faça logo." Ninguém aí presente compreendeu por que Jesus disse isso. Como Judas era o responsável pela bolsa comum, alguns discípulos pensaram que Jesus o tinha mandado comprar o necessário para a festa ou dar alguma coisa aos pobres. Judas pegou o pedaço de pão e saiu imediatamente. Era noite.

Quando Judas Iscariotes saiu, Jesus disse: "Agora o Filho do Homem foi glorificado, e também Deus foi glorificado nele. Deus o glorificará em si mesmo e o glorificará logo.

Filhinhos: vou ficar com vocês só mais um pouco. Vocês vão me procurar, e eu digo agora a vocês o que eu já disse aos judeus: para onde eu vou, vocês não podem ir. Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, vocês devem se amar uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos."

Simão Pedro perguntou: "Senhor, para onde vais?" Jesus respondeu: "Para onde eu vou, você não pode me seguir agora. Você me seguirá mais tarde." Pedro disse: "Senhor, por que não posso seguir-te agora? Eu daria a minha vida por ti." Jesus respondeu: "Você daria a vida por mim? Eu lhe garanto: antes que o galo cante, você me negará três vezes."

Quarta-feira da Semana Santa

Mt 26,14-25

Então um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi aos chefes dos sacerdotes e disse: "O que é que vocês me darão para eu entregar Jesus a vocês?" Combinaram, então, trinta moedas de prata. E a partir desse momento, Judas procurava uma boa oportunidade para entregar Jesus.

No primeiro dia dos ázimos, os discípulos se aproximaram de Jesus e perguntaram: "Onde queres que façamos os preparativos para comermos a Páscoa?" Jesus respondeu: "Vão à cidade, procurem certo homem, e lhe digam: 'O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo, eu vou celebrar a Páscoa em sua casa, junto com os meus discípulos.' " Os discípulos fizeram como Jesus mandou e prepararam a Páscoa. Ao cair da tarde, Jesus se pôs à mesa com os doze discípulos. Enquanto comiam, Jesus disse: "Eu lhes garanto: um de vocês vai me trair." Eles ficaram muito tristes e, um por um, começaram a lhe perguntar: "Senhor, será que sou eu?" Jesus respondeu: "Quem vai me trair é aquele que comigo põe a mão no prato. O Filho do Homem vai morrer, conforme a Escritura fala a respeito dele. Porém, ai daquele que trair o Filho do Homem. Seria melhor que nunca tivesse nascido!" Então Judas, o traidor, perguntou: "Mestre, será que sou eu?" Jesus lhe respondeu: "É como você acaba de dizer."

Quinta-feira Santa

Jo 13,1-15

Antes da festa da Páscoa, Jesus sabia que tinha chegado a sua hora. A hora de passar deste mundo para o Pai. Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Durante a ceia, o diabo já tinha posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de trair Jesus. Jesus sabia que o Pai tinha colocado tudo em suas mãos. Sabia também que tinha saído de junto de Deus e que estava voltando para Deus.

Então Jesus se levantou da mesa, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a na cintura. Colocou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando com a toalha que tinha na cintura. Chegou a vez de Simão Pedro. Este disse: "Senhor, tu vais lavar os meus pés?" Jesus respondeu: "Você agora não sabe o que estou fazendo. Ficaré sabendo mais tarde." Pedro disse: "Tu não vais lavar os meus pés nunca!" Jesus respondeu: "Se eu não o lavar, você não terá parte comigo." Simão Pedro disse: "Senhor, então podes lavar não só os meus pés, mas até as mãos e a cabeça." Jesus falou: "Quem já tomou banho, só precisa lavar os pés, porque está todo limpo. Vocês também estão limpos, mas nem todos." Jesus sabia quem o iria trair; por isso é que ele falou: "Nem todos vocês estão limpos."

Depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus vestiu o manto, sentou-se de novo e perguntou: "Vocês compreenderam o que acabei de fazer? Vocês dizem que eu sou o Mestre e o Senhor. E vocês têm razão; eu sou mesmo. Pois bem: eu, que sou o Mestre e o Senhor, lavei os seus pés; por isso vocês devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei um exemplo: vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz."

Sexta-feira Santa da Paixão do Senhor

Jo 18-19

Cap. 18

Tendo dito isso, Jesus saiu com seus discípulos e foi para o outro lado do riacho do Cedron, onde havia um jardim. Ele entrou no jardim com os discípulos. Jesus já tinha se reunido aí muitas vezes com seus discípulos. Por isso, Judas, que estava traindo Jesus, também conhecia o lugar. Judas arrumou uma tropa e alguns guardas dos chefes dos sacerdotes e fariseus e chegou ao jardim com lanternas, tochas e armas.

Então Jesus, sabendo tudo o que lhe ia acontecer, saiu e perguntou a eles: "Quem é que vocês estão procurando?" Eles responderam: "Jesus de Nazaré." Jesus disse: "Sou eu." Judas, que estava traindo Jesus, também estava com eles. Quando Jesus disse: "Sou eu", eles recuaram e caíram no chão. Então Jesus perguntou de novo: "Quem é que vocês estão procurando?" Eles responderam: "Jesus de Nazaré." Jesus falou: "Já lhes disse que sou eu. Se vocês estão me procurando, deixem os outros ir embora." Era para se cumprir a Escritura que diz: "Não perdi nenhum daqueles que me deste."

Simão Pedro tinha uma espada. Desembainhou a espada e feriu o empregado do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha direita. O nome do empregado era Malco. Mas Jesus disse a Pedro: "Guarda a espada na bainha. Por acaso não vou beber o cálice que o Pai me deu?" Então a tropa, o comandante e os guardas das autoridades dos judeus prenderam e amarraram Jesus. A primeira coisa que fizeram foi levar Jesus até Anás, que era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano. Caifás é aquele que tinha dado um conselho aos judeus: "É preciso que um homem morra pelo povo."

Simão Pedro e o outro discípulo seguiam Jesus. Esse discípulo era conhecido do sumo sacerdote, e entrou com Jesus no pátio do sumo sacerdote. Mas Pedro ficou fora, perto da porta. Então o outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, saiu, conversou com a porteira e levou Pedro para dentro. A empregada, que tomava conta da porta, perguntou a Pedro: "Você não é também um dos discípulos desse homem?" Pedro disse: "Eu não." Os empregados e os guardas estavam fazendo uma fogueira para se esquentar, porque fazia frio. Pedro ficou se esquentando junto com eles.

Então o sumo sacerdote interrogou Jesus a respeito dos seus discípulos e do seu ensinamento. E Jesus respondeu: "Eu falei às claras para o mundo. Eu sempre ensinei nas sinagogas e no Templo, onde todos os judeus se reúnem. Não falei nada escondido. Por que você me interroga? Pergunte aos que ouviram o que eu lhes falei. Eles sabem o que eu disse." Quando Jesus falou isso, um dos guardas que estavam aí deu uma bofetada em Jesus e disse: "É assim que respondes ao sumo sacerdote?" Jesus respondeu: "Se falei mal, mostre o que há de mal. Mas se falei bem, por que você bate em mim?" Então Anás mandou Jesus amarrado para o sumo sacerdote Caifás.

Simão Pedro ainda estava lá fora se esquentando. Perguntaram a ele: "Você também não é um dos discípulos dele?" Pedro negou: "Eu não." Então um dos empregados do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro tinha decepado a orelha, disse: "Por acaso eu não vi você no jardim com ele?" Pedro negou de novo. E, na mesma hora, o galo cantou.

De Caifás levaram Jesus para o palácio do governador. Era de manhã. Mas eles não entraram no palácio, pois não queriam ficar impuros, para poderem comer a ceia pascal. Então Pilatos saiu para fora e conversou com eles: "Que acusação vocês apresentam contra esse homem?" Eles responderam: "Se ele não fosse malfeitor, não o teríamos trazido até aqui." Pilatos disse: "Encarreguem-se vocês mesmos de julgá-lo, conforme a lei de vocês." Os judeus responderam: "Não temos permissão de condenar ninguém à morte." Era para se cumprir o que Jesus tinha dito, significando o tipo de morte com que ele deveria morrer.

Então Pilatos entrou de novo no palácio. Chamou Jesus e perguntou: "Tu és o rei dos judeus?" Jesus respondeu: "Você diz isso por si mesmo, ou foram outros que lhe disseram isso a meu respeito?" Pilatos falou: "Por acaso eu sou judeu? O teu povo e os chefes dos sacerdotes te entregaram a mim. O que fizeste?" Jesus respondeu: "O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas lutariam para que eu não fosse entregue às autoridades dos judeus. Mas agora o meu reino não é daqui." Pilatos disse a Jesus: "Então tu és rei?" Jesus respondeu: "Você está dizendo que eu sou rei. Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade. Todo aquele que está com a verdade ouve a minha voz." Pilatos disse: "O que é a verdade?"

Ao dizer isso, Pilatos saiu ao encontro das autoridades dos judeus, e disse-lhes: "Eu não encontro nele nenhum motivo de condenação. — Contudo, existe um costume entre vocês: que eu lhes solte alguém na Páscoa. Vocês querem que eu lhes solte o rei dos judeus?" Então eles começaram a gritar de novo: "Ele não. Solte Barrabás." Barrabás era um bandido.

Cap. 19

Então Pilatos pegou Jesus e o mandou flagelar. Os soldados trançaram uma coroa de espinhos e a colocaram na cabeça de Jesus. Vestiram Jesus com um manto vermelho. Aproximavam-se dele e diziam: "Salve, rei dos judeus!" E lhe davam bofetadas.

Pilatos saiu de novo e disse: "Vejam. Eu vou mandar trazer aqui fora o homem, para que vocês saibam que não encontro nenhuma culpa nele." Então Jesus foi para fora. Levava a coroa de espinhos e o manto vermelho. Pilatos disse-lhes: "Eis o homem!" Vendo Jesus, os chefes dos sacerdotes e os guardas começaram a gritar: "Crucifique. Crucifique." Pilatos disse-lhes: "Encarreguem-se vocês mesmos de crucificá-lo, pois eu não encontro nenhum crime nele." Os judeus responderam: "Nós temos uma lei, e segundo a lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus." Quando ouviu essas palavras, Pilatos ficou com mais medo ainda.

Pilatos entrou outra vez no palácio e perguntou a Jesus: "De onde és tu?" Mas Jesus ficou calado. Então Pilatos perguntou: "Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?" Jesus respondeu: "Você não teria nenhuma autoridade sobre mim, se ela não lhe fosse dada por Deus. Por isso, aquele que me entregou a você, tem pecado maior." Por causa disso, Pilatos se esforçava para soltar Jesus.

Mas os judeus gritavam: "Se você soltar esse homem, você não é amigo de César. Todo aquele que pretende ser rei, se coloca contra César." — Ouvindo essas palavras, Pilatos levou Jesus para fora. Fez que Jesus se sentasse numa cadeira de juiz, no lugar chamado "Pavimento", que em hebraico se diz "Gáбата." Era véspera da Páscoa, por volta do meio-dia. Pilatos disse aos judeus: "Aqui está o rei de vocês." Eles começaram a gritar: "Fora! Fora! Crucifique." Pilatos perguntou: "Mas eu vou crucificar o rei de vocês?" Os chefes dos sacerdotes responderam: "Não temos outro rei além de César." Então, finalmente, Pilatos entregou Jesus a eles para que fosse crucificado.

Eles levaram Jesus. — Jesus carregou a cruz nas costas e saiu para um lugar chamado "Lugar da Caveira", que em hebraico se diz "Gólgota." E aí crucificaram Jesus com outros dois homens, um de cada lado, e Jesus no meio.

Pilatos mandou também escrever um letreiro e colocou-o na cruz. Estava escrito: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. Muitos judeus puderam ver o letreiro, porque o lugar em que Jesus foi crucificado ficava perto da cidade. O letreiro estava escrito em hebraico, latim e grego. Então os chefes dos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: "Não deixe escrito: 'O rei dos judeus', mas coloque: 'Este homem disse: Eu sou rei dos judeus.'" Mas Pilatos respondeu: "O que escrevi está escrito."

Quando crucificaram Jesus, os soldados repartiram as roupas dele em quatro partes. Uma parte para cada soldado. Deixaram de lado a túnica. Era uma túnica sem costura, feita de uma peça única, de cima até em baixo. Então eles combinaram: "Não vamos repartir a túnica. Vamos tirar a sorte, para ver com quem fica." Isso era para se cumprir a Escritura que diz: "Repartiram minha roupa e sortearam minha túnica." E foi assim que os soldados fizeram.

A mãe de Jesus, a irmã da mãe dele, Maria de Cléofas, e Maria Madalena estavam junto à cruz. Jesus viu a mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava. Então disse à mãe: “Mulher, eis aí o seu filho.” Depois disse ao discípulo: “Eis aí a sua mãe.” E dessa hora em diante, o discípulo a recebeu em sua casa.

Depois disso, sabendo que tudo estava realizado, para que se cumprisse a Escritura, Jesus disse: “Tenho sede.” Havia aí uma jarra cheia de vinagre. Amarraram uma esponja ensopada de vinagre numa vara, e aproximaram a esponja da boca de Jesus. Ele tomou o vinagre e disse: “Tudo está realizado.” E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

Era dia de preparativos para a Páscoa. Os judeus queriam evitar que os corpos ficassem na cruz durante o sábado, porque esse sábado era muito solene para eles. Então pediram que Pilatos mandasse quebrar as pernas dos crucificados e os tirasse da cruz. Os soldados foram e quebraram as pernas de um e depois do outro, que estavam crucificados com Jesus. E se aproximaram de Jesus. Vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas, mas um soldado lhe atravessou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água.

E aquele que viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro. E ele sabe que diz a verdade, para que também vocês acreditem.

Aconteceu isso para se cumprir a Escritura que diz: “Não quebraram nenhum osso dele.” E outra passagem que diz: “Olharão para aquele que transpassaram.”

José de Arimateia era discípulo de Jesus, mas às escondidas, porque ele tinha medo das autoridades dos judeus. Depois disso, ele foi pedir a Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Pilatos deu a autorização. Então ele foi e retirou o corpo de Jesus. Nicodemos também foi. Nicodemos era aquele que antes tinha ido de noite encontrar-se com Jesus. Levou mais de trinta quilos de uma mistura de mirra e resina perfumada. Então eles pegaram o corpo de Jesus e o enrolaram com panos de linho junto com os perfumes, do jeito que os judeus costumam sepultar.

No lugar onde Jesus fora crucificado havia um jardim, onde estava um túmulo, em que ninguém ainda tinha sido sepultado. Então, por causa do dia de preparativos para a Páscoa e porque o túmulo estava perto, lá colocaram Jesus.

Sábado Santo

Jo 19,25-27

A mãe de Jesus, a irmã da mãe dele, Maria de Cléofas, e Maria Madalena estavam junto à cruz. Jesus viu a mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava. Então disse à mãe: “Mulher, eis aí o seu filho.” Depois disse ao discípulo: “Eis aí a sua mãe.” E dessa hora em diante, o discípulo a recebeu em sua casa.

Domingo da Páscoa na Ressurreição do Senhor

Mt 28,1-10

Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver a sepultura. De repente houve um grande tremor de terra: o anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, retirou a pedra e sentou-se nela. Sua aparência era como a de um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve. Os guardas tremeram de medo diante do anjo, e ficaram como mortos. Então o anjo disse às mulheres: "Não tenham medo. Eu sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui. Ressuscitou, como havia dito! Venham ver o lugar onde ele estava. E vão depressa contar aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos e que vai à frente de vocês para a Galileia. Lá vocês o verão. É o que tenho a lhes dizer." As mulheres saíram depressa do túmulo; estavam com medo, mas correram com muita alegria para dar a notícia aos discípulos. De repente, Jesus foi ao encontro delas e disse: "Alegrem-se!" As mulheres se aproximaram e se ajoelharam diante de Jesus, abraçando seus pés. Então Jesus disse a elas: "Não tenham medo. Vão anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galileia. Lá eles me verão."